



R. B. ROSENTHAL
LIVROS
Lisboa 2 — Portugal

Porto de Moscavide I, 308

22/8/69
40/-

1568/5863.

1568/5863.

1568/5863.

MARILIA
DE
DIRCEO.
POR T. A. G.

SEGUNDA PARTE:

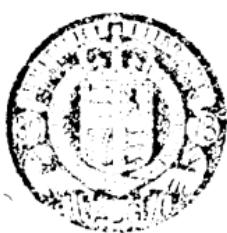


LISBOA:

NA OFFICINA NUNESIANA.

ANNO M. DCC. XCIX.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço!



* * * * * @ * * * * *

M A R I L I A D E D I R C E O.



L Y R A I.

J A' não cíjio de loiro a minha testa,
Nem sonoras Canções o Deos me inspira:
Ah! que nem me resta
Huma já quebrada,
Mal sonora Lyra!

Mas neste mesmo estado em que me vejo,
Pede, Marilia, Amor que vá cantar-te:
Cumpro o seu desejo;
E ao que resta suppra
A paixão, e a arte.

A fumaça , Marilia , da candeia ,
 Que a molhada parede ou çuja , ou pinta ;
 Bem que tosca , e fêa ,
 Agora me pôde
 Ministrar a tinta.

Aos mais preparamos o discurso apronta :
 Elle me diz , que faça no pé de huma
 Má laranja ponta ,
 E delle me sirva
 Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não , não devo
 Verás , Marilia , huma idéa nova :
 Sim , eu já te escrevo ,
 Do que esta alma dita
 Quanto amor approva.

Quem

**Quem vive no regaço da ventura ,
Nada obra em te adorar, que assombro faça:**

Mostra mais ternura

**Quem te estima , e morre
Nas mãos da desgraça.**

**Nesta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos bellos ,
A testa formosa ,
Os dentes nevados ,
Os negros cabellos.**

**Vejo , Marilia , sim , e vejo ainda
A chusma dos Cupidos , que pendentes
Dessa bocca linda ,
Nos ares espalhão
Suspiros ardentes.**

Se

Se alguem me perguntar onde eu te vejo,
 Responderei no peito que huns Amores
 De casto desejo
 Aqui te pintáão,
 E são bons Pintores.

Mal meus olhos te virão , ah ! nessa hora
 Teu Retrato fizerão , e tão forte ,
 Que entendo , que agora
 Só pôde apagallo
 O pulso da Morte.

Isto escrevia , quando , ó Céos , que peja !
 Descubro a ler-me os versos o Deos loiro.
 Ah ! da-lhes hum beijo ,
 E diz-me que valem
 Mais que letras de ouro.

LYRA II.

Esprema a vil calumnia muito embora
 Entre as mãos denegridas, e insolentes
 Os venenos das plantas,
 E das bravas serpentes.

Chovão raios e raios, no meu rosto.
 Não has-de ver, Marilia, o medo escrito:
 O medo perturbado,
 Que infunde o vil delicto.

Pódem muito conheço, pôdem muito,
 As Furias infernaes, que Pluto move;
 Mas pôde mais que todas
 Hum dedo só de Jove.

Este Deos convertêo em flor mimosa,
 A quem seu nome derão, a Narciso,
 Fêz de muitos os Altros,
 Qu'inda no Cœo diviso.

Elle pôde livrar-me das injurias
 Do nescio, do atrevido ingrato povo;
 Em nova flor mudar-me,
 Mudar-me em Altro novo.

Porém se os justos Céos por fins ocultos
 Em tão tyranno mal me não socorrem,
 Verás então, que os fabios,
 Bem como vivem, morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo.
 Tu, formosa Marilia, bem o sabes:
 Hum coração, e basta,
 Onde tu mesma cabes.

LY-



L Y R A III.

S Ucceede , Marilia bella ,
A' medonha noite o dia :
A estação chuvosa e fria ,
A' quente secca estação .

Muda-se a sorte dos tempos ;
Só a minha sorte não ?

Os troncos , nas Primaveras ,
Brotão em flores viçosos ;
Nos Invernos escabrosos
Largão as folhas no chão .

Muda-se a sorte dos troncos ;
Só a minha sorte não ?

Aos

Aos brutos, Marilia, cortão
 Armadas redes os passos;
 Rompem depois os seus laços,
 Fogem da dura prisão.

Muda-se a forte dos brutos;
 Só a minha forte não?

Nenhum dos homens conserva
 Alegre sempre o seu rosto;
 Depois das penas vem gozo,
 Depois do gozo afflicção.

Muda-se a forte dos homens,
 Só a minha forte não?

Aos altos Deoses moverão
 Soberbos Gigantes guerra;
 No mais tempo o Ceo, e a Terra
 Lhes tributa adoração.

Muda-se a forte dos Deoses;
 Só a minha forte não?

e A

Ha



Hade, Marília, mudar-se
Do destino a inclemencia:
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão.

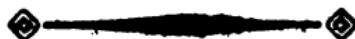
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

O tempo, ó bella, que gasta
Os troncos, pedras, e o cobre,
O véo rompe, com que encobre
A verdade a vil traiçao.

Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

Qual eu sou verá o mundo,
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha:
Que feliz consolação!

Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não.



L Y R A IV.

JA', já me vai , Marilia , branquejando
Loiro cabello , que circúla a testa ,
Este mesmo , que alveja , vai cahindo ,
E pouco já me reita .

As faces vão perdendo as vivas cores ,
E vão-se sobre os ossos enrugando ,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos ;
Tudo se vai mudando .

Se quero levantar-me , as costas vergão ;
As forças dos meus membros já se gastão ,
Vou a dar pela casa huns curtos passos ,
Pesão-me os pés , e arrastão .

Se

Se algum dia me vires desta sorte,
 Vê que assim me não pôz a mão dos annos:
 Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,
 Fazem os mesmos danos.

Mal te vir me dará em poucos dias,
 A minha mocidade o doce gosto;
 Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se,
 Voltar a cõr ao rosto.

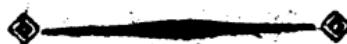
No calmoso Verão as plantas seccão,
 Na Primavera, que aos mortaes encanta,
 Apenas cahe do Ceo o fresco orvalho,
 Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;
 Mas logo que a doença fez seu termo,
 Torna, Marilia, a ser quem era d'antes,
 O definhado enfermo.

Sup-

Suppoé-me qual doente, ou qual a planta,
 No meio da desgraça, que me altera:
 Eu tambem te supponho qual saude,
 Ou qual a Primavera.

Se dão effes teus meigos, vivos olhos
 Aos mesmos Astros luz, e vida ás flores;
 Que effeitos não farão, em quem por elles
 Sempre morrêo de amores?



L Y R A V.

O S mares, minha bella, não se movem;
 O brando Norte assopra, nem diviso
 Huma nuvem sequer na Esfera toda,
 O destro Nauta aqui não he preciso;
 Eu só conduzo a não, eu só modéro
 Do seu governo a roda.

Mas

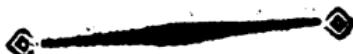
Mas ah! que o Sul carrega, o mar se empolla,
 Rasga-se a véla, o mastaréo se parte!
 Qualquer varão prudente aqui já teme
 Não tenho a necessaria força, e arte.
 Corra o sabio Piloto, corra, e venha
 Reger o duro leme.

Como succede á não no mar, succede
 Aos homens na ventura, e na desgraça:
 Basta ao feliz não ter total demencia,
 Mas quem de venturoso a triste passa,
 Deve entregar o leme do discurso
 Nas mãos da sá prudencia.

Todo o Ceo se cubrio, os raios chovem;
 E esta alma, em tanta pena consternada,
 Nem sabe aonde possa achar conforto.
 Ah, não, não tardes, verit, Marilia amada,
 Toma o leme da não, marêa o panno,
 Vai-a salvar no porto.

Mas

Mas ouço já de Amor as fabias vozes;
 Ele me diz que soffra se não morro;
 E perco então se morro huns doces laços.
 Não quero já, Marilia, mais soccorro;
 Oh ditoso soffrer, que lucrar pôde
 A gloria dos teus braços !



L Y R A VI.

DE que te queixas,
 Lingua importuna?
 De que a Fortuna
 Roubar-te queira,
 O que te deu?
 Este foi sempre
 O genio seu.

Le-

Levou , Marilia ,
 A impia forte
 Catoens á morte ;
 Nem sepultura
 Lhes concedeu.

Este foi sempre
 O genio seu.

A outros muitos ,
 Que vís nascêrão ,
 Nem merecerão ,
 A grandes thronos
 A impia ergueu.

Este foi sempre
 O genio seu.

Espalha a cega
 Sobre os humanos
 Os bens, e os dannoſ;
 E a quem fe devão
 Nunca escolheu.
 Este foi ſempre
 O genio ſeu.

A quanto he justo,
 Já mais fe dobra;
 Nem igual obra
 C'os mesmos Deoſes
 Do céro Ceo.
 Este foi ſempre
 O genio ſeu.

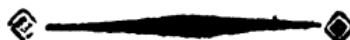
So.

Sobe ao Ceo Venus
 N'hum carro ufano ;
 È cahe Vulcano
 Da pura esfera ,
 Em que nasceu.

Este foi sempre
 O genio seu.

Mas não me rouba ,
 Bem que se mude ,
 Honra , e virtude :
 Que o mais he della ,
 Mas isto he meu.

Este foi sempre
 O genio seu.



L Y R A VII.

Meu prezado Glauceste,
Se fazes o conceito,
Que bem que réo abrigo
A candida Virtude no meu peito.
Se julgas, digo, que mereço ainda
Da tua mão socorro;
Ah! vem dar-m'o agora,
Agora sim que morro.

Não quero, que montado
No Pegaso fogoso,
Venhas com dura lança
Ao monstro infame traspassar raivoso.
Deixa que viva a perfida calumnia,
E forge o meu tormento:
Com menos, meu Glauceste,
Com menos me contento.

To-

Toma a lyra doirada,
 E toca hum pouco nella :
 Levanta a voz celeste
 Em parte que te escute a minha bella ;
 Enche todo o contorno de alegria ;
 Não sofras , que o desgosto
 Affogue em pranto amargo
 O seu divino rosto.

Eu sei , eu sei , Glauceste ,
 Que hum bom Cantor havia ,
 Que os brutos amansava ;
 Que os troncos , e os penedos attrahia .
 De outro destro Cantor tambem affirma ,
 A sábia Antiguidade ,
 Que as muralhas erguera
 De huma grande Cidade.

Or.

Orfeo as cordas fere;
 O som delgado, e terno
 Ao Rei Plutão abranda,
E o deixa que penetre o fundo Averno.
 Ah, tu a nenhum cedes, meu Glauceste,
 Na lyra, e mais no canto:
 Podes fazer prodigios;
 Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes:
 Que mais, que mais esperas?
 Consola hum peito afflito;
 Que he menos inda, que domar as feras.
Con isto me darás no meu tormento
 Hum doce lento,
 Que em quanto a bella vive,
 Tambem, Glauceste, viva!



LYRA VIII.

EU vejo, ó minha bella, aquelle Numen,
A quem o nome derão de Fortuna ,

Pega-me pelo braço ,
E com voz importuna
Me diz que move o passo ;

Que entre no grande Templo, em q̄ se encerra
Quanto o destino manda ,
Que ella obre sobre a terra.

Que coizas portentosas nelle encontro !

Eu vejo a pobre fundação de Roma ;

Vejo-a queimar Carthago ;

Vejo que as gentes doma ;

E vejo o seu estrago .

Lá florece o poder do Assyrio Povo :

Aqui os Medos crescem

E os perde hum braço novo.

El-

Então me diz a Deosa: *E que pertendes?*
Todas estas Medalhas ver agora?

Ab! não, não sejas louco!
Espaço de annos fóra
Perra isso ainda pouco.
Deixa estranhos successos; vem comigo,
Verds quanto inda deve
Acontecer com tigo.

Levou-me a onde estava a minha historia,
 Que toda me explicou com medo, e arte.

Tirei-te libras de oiro,
Me diz, e querò dar-te
Todo aquelle tesouro.

Não suspira por lens bum peito nobre:
 Sevéro lhe responde.
Vivo affeito a ser pobre.

Aqu

Aqui me enruga a Deosa irada a testa
 E fica sem fallar hum breve espaço.

*Alegra, alegra o rosto,
 Prosegue, ali te faço
 Restituir o posto.*

Respondo com ar de mofa, e tom sereno:

*Conbeço-te, Fortuna,
 Posso morrer pequeno.*

Aqui te dou, me diz, a tua amada.

Então me banho todo de alegria

*Cuidei, me torna a cega,
 Que essa alma não queria
 Nem esta mesma entrega.*

*He esse o bem, respondo, que me move;
 Mas este bem be falso,
 Vem só da mão de Jove.*

Que-

Queria mais fallar ; eu insoffrido
 Desta maneira rompo os seus accentos :
Basta, Fortuna, basta ;
Estes breves momentos
Lá noutras coizas gasta ;
Da minha sorte nada mais contemplo.
 E chamando Marilia
 Suspiro , e deixo o Templo.



L Y R A IX,

A Estas horas
 Eu procurava
 Os meus Amores ;
 Tinhão-me inveja
 Os mais Pastores.

A

A porta abria ,
 Inda esfregando
 Os olhos bellos ,
 Sem flor , nem fitta
 Nos seus cabellos :

Ah ! que assim mesmo
 Sem compostura ,
 He mais formosa ,
 Que a estrella d'alva ,
 Que a fresca rosa.

Mal eu a via ,
 Hum ar mais leve ,
 (Que doce effeito !)
 Já respirava
 Meu terno peito.

Do

**Do cerco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe animava
Aquella ovelha
Que mais amava.**

**Dava-lhe sempre
No rio, e fonte,
No prado, e selva,
Agua mais clara,
Mais branda relva.**

**No collo a punha,
Então brincando
A mim a unia;
Mil coizas ternas
Aqui dizia.**

Ma-

Marilia vendo ,
Que eu só com ella
He que fallava ;
Ria-se a furto ,
E disfarçava.

Desta maneira
 Nos castos peitos ,
 De dia , em dia
 A nossa chamma
 Mais se accendia.

Ah ! quantas vezes
 No chão sentado ,
 Eu lhe lavrava
 As finas rócas ,
 Em que fiava ?

Da

Da mesma forte
Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho.

Na quente festa,
Della defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da fanfoninha.

Ella por dar-me
De ouvir o gosto,
Mais se chegava:
Então vaidoso
Assim cantava:

Não

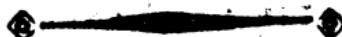
Não ha Pastora,
Que chegar possa
A' minha bella ;
Nem quem me iguale
Tambem na estrella :

Se Amor concede
Que eu me recline
No branco peito,
Eu não invejo
De Jove o leito :

Ornão seu peito
As sás virtudes;
Que nos namorão;
No seu semblante
As Graças morão.

AL

Affim vivia:
 Hoje em suspiros
 O canto mudo!
 Assim, Marilia,
 Se acaba tudo.



L Y R A X.

Arde o velho barril, arde a cabeça,
 Em honra de João na larga rua;
 O credulo Mortal agora indaga,
 Qual seja a sorte sua?

Eu não tenho alcaxofra, que á luz chegue,
 E nella órvalhe o Ceo de madrugada,
 Para ver se rebentão novas folhas,
 Aonde foi queimada.

Táo-

Tambem não tenho hum ovo , que despeje
 Dentro de hum cópo d'agua , e possa nella
 Fingir Palacios grandes , altas Torres ,
 E huma Náo á vela.

Mas, ah! em bem me lèbre eu teiho ouvido
 Que na boca hum bochecho d'água tome ,
 E atráz de qualquer porta attento esteja ,
 Até ouvir hum nome.

Que o nome , que primeiro ouvir , he esse
 O nome , que ha de ter a minha amada :
 Pode verdade ser , se fôr mentira ,
 Tambem não custa nada.

Vou tudo executar , e de repente
 Ouvi dizer o nome de Filena :
 Despejo logo a boca : ah ! não sei como
 Não morro alli de pena !

Apparece Cupido: então soltando
 Em ar de zombaria huma risada.
 E que tal , me pergunta , esteve a peça ?
 Não foi bem pregada ?

Eu já te disse , que Marilia he tua :
 Tu fazes do meu dito tanta conta ,
 Que vais acreditar , o que te ensina
 Velha mulher já tonta.

Humilde lhe respondo: quem debaixo
 Do açoite da Fortuna afflito geme ,
 Nas mesmas coisas, que só são brinquedos ,
 Se agoirão males , teme.

L Y R A XI.

SE acaso não estou no fundo Averno
Padece, ó minha bella, sim padece

O peito amante, e terno,
As afflições tyrannas, que aos Precitos
Arbitra Rhadamantho em justa pena
Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes, rangendo os dentes
Com a mão descarnada não me applicão
As raivosas serpentes.

Mas cercão-me outros mōstros mais irados:
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda
 Em lançar o penedo da montanha;
 Ou em mover a roda.

Mas tenho ainda mais cruel tormento :
 Por coisas que me affligem, roda, e gyra
 Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
 Às tepidas entranhas não me come
 Hum abutre esfaimado.

Mas sinto de outro monstro a crueldade :
 Devora o coração, que mal palpita,
 O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,
 Que de mim se retirão, quando busco
 Fartar o meu desejo ;
 Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato,
 Que lograr-te não possa, estando vendo
 Nesta alma o teu retrato.

Ef-

Estou no Inferno , estou , Marilia bella ;
E n' huma coisa só he mais humana
A minha dura estrella :
Huns não podem mover do Inferno os passos ;
Eu pertendo vôar , e vôar cedo
A' gloria dos teus braços .

L Y R A XII.

A H, Marilia, que tormento
 Não tens de sentir saudosa !
 Não podem ver os teus olhos
A campina deleitosa,
 Nem a tua mesma Aldêa,
Que tyrannos não proponhão
A'inda inquieta idéa
 Huma imagem de afflição.
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando levares, Marilia,
 Teu ledo rebanho ao prado
 Tu dirás : aqui trazia
 Dirceo tambem o seu gado.
 Verás os sítios ditosos
 Onde, Marilia, te dava
 Doces beijos amoroços
 Nos dedos da branca mão.

Mandarás aos surdos Deoses
 Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires
 Sem quereres, descuidada,
 Tu verás, Marilia, a minha
 E minha pobre morada.
 Tu dirás então comtigo :
 Alli Dirceo esperava
 Para me levar comigo ;
 E alli soffreo a prisão.

Mandarás aos surdos Deoses
 Novos suspiros em vão.

Quan-

Quando vires igualmente
 Do caro Glauceite a choça,
 Onde alegres se juntavão
 Os poucos da escolha nossa,
 Pondo os olhos na varanda
 Tu dirás, de mágoa chêa:
 Todo o congresso alli anda,
 Só o meu Amado não.
 Mandarás aos surdos Deoses
 Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
 O meu coimpanheiro honrado,
 Sem que me vejas com elle
 Caminhar emparelhado,
 Tu dirás: não foi tyranna
 Sómente comigo a forte;
 Tambem cortou deshumana
 A mais fiél união.

Mandarás aos surdos Deoses
 Novos suspiros em vão.

Nº 4

N'uma masmorra mettido
Eu não vejo imagens destas,
Imagens , que são por certo
A quem adora funestas:
Mas se existem separadas
Dos inchados rôxos olhos ,
Estão , que he mais , retratadas
No fundo do coração.

Tambem mando aos surdos Deoses
Tristes suspiros em vão.



L Y R A XIII.

VEs, Marilia, hum cordeiro
De flores enramado,
Como alegre caminha
A ser sacrificado?

OPovo para o Templo já concorre:
A Pyra sacro-santa já se accende:
O Ministro o fere, elle bala, e morre.

Vês agora o novilho,
A quem segura o laço:
No chão as mãos especa:
Nem quer mover hum passo:
Não conhece que sahe de hum máo terreno;
Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,
O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto , como
Lhe dispomos a forte :
Hum vai forçado á vida ,
Vai outro alegre á morte ,
Nós temos , minha bella , igual demencia :
Não sabemos os fins , com que nos mate
A sábia , occulta Mão da Providencia .

De Jacob ao bom filho
Os máos matar quizerão :
De conselho mudárão ,
Como escravo o vendêrão :
José não corre a ser hum servo afilito :
Vai subindo os degráos , por onde chega
A ser hum quasi Rei no grande Egypto .

Quem sabe se o Destino
 Hoje, ó bella, me prende,
 Só porque nisto de outros
 Mais danos me defende?
 Podeinda raiar hum claro dia.
 Mas quer raie, quer não, ao Ceo adoro;
 E beijo a santa mão, que assim me guia.



L Y R A XIV.

Alma digna de mil Avós Augustos!
 Tu fentes, tu soluças
 Ao ver cahir os justos;
 Honras as santas leis da Humanidade:
 E aos teus exemplos deve
 Gravar com letras de ouro no seu Templo
 A candida Amizade.

Não he, não he de Heróe huma alma forte,
Que vê com rosto enchuto
No seu igual a morte.

Não he tambem de Heróe hum peito duro,
Que a sua gloria firma,
Em que lhe não resiste ao ferro, e fogo,
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado Chefe me namora,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeo, e chora!
He grande para mim, quem move os passos,
E de Dario aos filhos,
Que como escravos seus tratar podéra,
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas , Capitão piedoso ,
 Entre os Heróes do Mundo
 Hum nome glorioso ,
 Não he , porque levanta huma cidade ;
 He sim , porque nos hombros
 Salvou do incendio ao Pai a quem detinha
 A mão da branca idade .

Ah ! se ao meu contrario entre as chamas virá ,
 Eu mesmo , sim , da morte
 Aos hombros o remira :
 Iáda por elle muito mais obrára :
 E se nada servisse ,
 Fizera então , Amigo , o que fizeste ,
 Geméra ; e suspirára .

Oh ,

Oh ! quanto são duraveis as cadeas
 De huma amizade , quando
 Se dão iguaes idéas !

Se a pezar dos estorvos se sustinha
 Nossa união sincera ,
 Foi por ser a minha alma igual á tua ,
 E a tua igual á minha .

Se , ó caro Amigo , te merece tanto ,
 Lá lhe fica a sua alma ,
 Limpa-lhe o terno pranto .

De quem eu fallo , és tu , Marilia bella .
 Ah ! sim , honrado Amigo ,
 Se enxugar não poderes os seus olhos ;
 Prantea então com ella .



L Y R A XV.

EU, Marilia, não fui nemhum Vaqueiro;
Fui honrado Pastor da tua Aldêa;
Vestia finas láns , e tinha sempre
A minha chóça do preciso chêa.
Tirarão-me o casal , e o manso gado ,
Nem tenho a que me encoste hum só cajado.

Para ter, que te dar, he que eu queria
De mór rebanho ainda ser o dono ;
Prezava o teu semblante , os teus cabellos
Ainda muito mais que hum grande Throno .
Agora que te offerte já não vejo
Além de hum puro amor, de hum sâo desejo.

Se

Se o rio levantado me causava
 Levando a sementeira prejuiso,
 Eu alegre ficava apenas via
 Na tua breve boca hum ar de riso.
 Tudo agora perdi; nem tenho o gosto
 De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
 As quentes horas da comprida festa;
 Escrever teus louvores nos olmeiros,
 Toucar-te de papoilas na floresta.
 Julgou o justo Ceo, que não convinha
 Que a tanto grão subisse a gloria minha.

Ah, minha bella, se a Fortuna volta,
 Se o bem que já perdi alcanço, e provo;
 Por essas brancas mãos, por essas faces
 Te juro renascer hum homem novo;
 Romper a nuvem que os meus olhos cerra;
 Amar no Ceo a Jove, e a ti na terra.

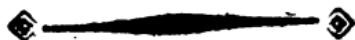
Fiadas comprarei as ovelhinhas,
 Que pagarei dos poucos do meu ganho;
 E dentro em pouco tempo nos veremos
 Senhores outra vez de hum bom rebanho.
 Para o contagio lhe não dar sobeja
 Que as affague Marilia, ou só que as veja.

Se não tivermos lans, e pelles finas,
 podem mui bem cobrir as carnes nossas
 As pelles dos cordeiros mal cortidas,
 E os pannos feitos com as lans mais grossas.
 Mas ao menos será o teu vestido
 Pormãos de Amor, por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente fésta
 Com canas, e com cestos os peixinhos:
 Nós iremos caçar nas manhãs frias
 Com a vara envisgada os passarinhos.
 Para nos divertir faremos quanto
 Reputa o varão sabio, honesto, e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
 C'os filhos se os tivermos á fogueira;
 Entre as falsas historias, qué contares,
 Lhes contarás a minha verdadeira:
 Pasmados te ouviráõ; eu entre tanto
 Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua
 Nos mostraráõ c'o dedo os mais Pastores,
 Dizendo huns para os outros: olha os nossos
 Exemplos da desgraça, e sãos amores.
 Contentes viviremos desta sorte,
 Até que chegue a hum dos dois a morte.



LYRA XVI.

V Ejo, Marilia,
Que o nédeo gado
Anda disperso
No monte, e prado;
Que assim succede
Ao desgraçado,
Que a perder chega
O seu Pastor.
Masinda soffro
A viva dôr.

Tam-

Tambem conheço,
 Que os Pegureiros,
 Que apascentavão
 Os meus cordeiros,
 Darão suspiros
 E verdadeiros ;
 Porque perdêrão
 Hum pai no amor.
 Mas inda soffro
 A viva dôr.

Eu mais alcanço ;
 Que a minha herdade
 Estando eu prezo ,
 Soffrer não ha-de
 Nem a charrua ,
 E nem a grade ;
 Que a mão lhe falta
 Do Lavrador.
 Mas inda soffro
 A viva dôr.

Mas

Mas quando sobe
 A' minha idêa,
 Que tu ficasse
 Lá nessa Aldêa.
 De mil cuidados
 E mágoa cheia;
 Das paixões minhas
 Não sou senhor.
 Eu já não soffro
 A viva dôr.

A quanto chega
 A pena forte!
 Peza-me a vida,
 Desejo a morte,
 A Jove accuso,
 Maldigo a forte,
 Trato a Cupido
 Por hum traidor.
 Eu já não soffro
 A viva dôr.

Mas

Mas este excesso
 Perdão merece,
 E delle Jove
 Se compadece;
 Que Jove, ó bella,
 Mui bem conhece,
 Aonde chega
 Paixão de amor.
 Eu já não sofro
 A viva dor.

L Y R A XVII.

DIrceo te deixe, ó bella,
 De padecer cançado:
 Frio suor já banha
 Seu rosto descórado;
Osangue já não gyra pela vêa,
 Seus pulsos já não batem;
Ea clara luz dos olhos se bacêa:
 A lagrima fentida já lhe corre;
 Já pára a convulsão, suspira, e morre.

Seu

Seu espirito chega
 Onde se pune o erro :
 Late o cão , e se lhe abrem
 Grossos portões de ferro.
 Aos severos Juizes se appresenta ,
 E com sentidas vozes
 Toda a sua tragedia representa :
 Enche-se de ternura , e novo espanto
 O mesmo inexoravel Rhadamantho.

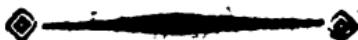
Abre hum pasmado a boca ,
 E a pedra não despede ;
 Outro já não se lembra
 Da fome , e mais da fede .
 Descança o curvo biço , e a garra impia
 Negro abutre esfaimado :
 Nem na roca medonha a Parca sia.
 Até as mesmas Furias inclementes
 Deixão cahir das unhas as serpentes .

Já votão os Juizes ;
 E o Rei Plutão lhe ordena
 Deixe o sítio , em que ficão
 Almas dignas de pena.

Já sahе do escuro Reino , e da memoria
 Lhe passa tudo quanto
 Ou pôde dar-lhe mágoa , ou dar-lhe gloria.
 Só, bem que o gosto as turvas agoas tome ,
 Inda , Marilia , inda diz seu nome.

Entra Já nos Elysios
 Campinas venturosa ,
 Que mansos rios cortão ,
 Que cobrem sempre as rosas.
 Escuta o canto das sonoras aves ,
 E bebe as ágoas puras ,
 Que o mel , e de que o leite mais suaves.
 Aqui , diz elle , espero a minha bella ,
 Aqui contente viverei com ella.

Aqui... porém aonde
Me leva a dôr activa?
He illusão deita alma.
Jove inda quer que eu viva.
Eu devo sim goifar teus doces laços;
E em paga dos meus males
Devo morrer, Marilia, nos teus braços.
Então eu passarei ao Reino amigo;
E tu irás despois lá ter comigo.



LYRA XVIII.

Não molho, Marilia,
De pranto a mafmorra
Que o terno Cupido
Não vde, e não corra,
A hilo apanhar.
Estende-o nas azas
Sobre elle suspira,
Por fim se retira,
E vai-to levar.

Se

Se o moço não mente,
 Aos tristes gemidos ,
 Aos ais latímosos
 Não guardes unidos ,
 Marilia , c'os teus :.
 As lagrimas nossas
 No seio amontão .
 Fórmá azas , e vôa ,
 Vai pô-las nos Ceos.

A Deosa formosa ,
 Que amava aos Troianos ,
 Livra-los querendo
 De riscos , e danños
 A Jove buscou .
 As aguas , que o rosto
 Da Deosa banhárão
 A Jove abrandárão ,
 E assim os salvou .

Con-

Confia-te, ó bella,
Confia-te em Jove;
Ainda se abranda,
Ainda se move
Com ancias de amor.
O pranto de Venus,
Que obrou no Pai tanto,
Não tem que o teu pranto
Apreço maior.



LYRA XIX.

Nesta triste masmorra,
De hum semivivo corpo sepultura,
Inda, Marilia, adoro
A tua formosura.
Amor na minha idéa te retrata,
Busca extremoso, que eu assim resista
A dôr imensa, que me cerca, e mata.

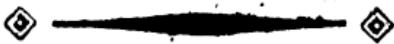
Quando em meu mal pondero,
Então mais vivamente te diviso:
Vejo o teu rosto, e escuto
A tua voz, e riso.
Movo ligeiro para o vulto os passos:
Eu beijo a tibia luz em vez de face;
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Co-

Conheço a illusão minha ;
 A violencia da mágoa não supporto ;
 Foge-me a vila , e caio
 Não sei se vivo , ou morto.
 Enternece-se Amor de estrago tanto ;
 Reclina-me no peito , e com mão terna
 Me limpa os olhos do salgado pranto.

Despois que represento
 Por largo espaço a imagem de hum defunto,
 Movo os membros , suspiro ,
 E onde estou pergunto.
 Conheço então que Amor me tem comigo ;
 Ergo a cabeça , queinda mal sustento ,
 E com doente voz assim lhe digo.

Se queres ser piedoso,
 Procura o sitio em que Marilia mora,
 Pinta-lhe o meu estrago,
 E vê, Amor, se chora.
 Se a lagrimas verter a dor a arrasta,
 Huma dellas me traze sobre as pennas,
 E para allivio meu só isto basta.



LYRA XX.

SE me visses com teus olhos
 Nesta masmorra mettido;
 De mil idéas funestas,
 E cuidados combatido:
 Qual seria, ó minha bella,
 Qual seria o teu pezar?

A

A' força da dôr cedéra.
 E nem estaria vivo,
 Se o menino Deos vendado,
 Extremoso, e compassivo,
 Com o nome de Marilia
 Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva;
 O meio dia tem dado,
 E o cabello inda flutua
 Pelas costas desgrenhado.
 Não tenho valor, não tenho,
 Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: E Marilia
 Não estima esse cabello?
 Se o deixas perder de todo
 Não se ha de enfadar ao vello?
 Suspiro pego no pente,
 Vou logo o cabello atar.

Vem

Vem hum taboleiro entrando
 De varios manjares cheio ,
 Põe-se na meza á toalha ,
 E eu pensativo passeio :
 De todo o comer esfria ,
 Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que matar-te ,
 Diz Amor, te tens proposto ;
 Fazes bem: terá Marilia
 Desgosto sobre desgosto:
 Qual enfermo c' o remedio
 Me affijo , mas vou jantar.

Chegão as horas Marilia ,
 Em que o Sol já se tem posto ,
 Vem-me á memoria que nellas
 Via á janella o teu rosto :
 Reclino na mão a face
 E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido : Já basta ,
 Já basta , Dirceo , de pranto ;
 Ein obsequio de Marilia
 Vai erguer meu doce canto .
 Pendem as fontes dos olhos ,
 Mas eu sempre vou cantar .

Vem o Forçado accender-me
 A velha çuja candea ;
 Fica , Marilia , a masmorra
 Inda mais triste , e mais fea .
 Nem mais canto , nem mais posso
 Huma só palavra dar .

Diz-me Cupido : São horas
 De escrever-se o que está feito ;
 Do azeite , e da fumaça
 Huma nova tinta ageito ,
 Tomo o pão , que penna finge .
 Vou as Lyras copiar .

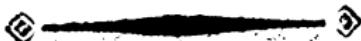
Sem

Sem que chegue o leve sono
 Canta o Gallo a vez terceira ;
 Eu digo ao Amor ; que fico
 Sem deitar-me a noite inteira :
 Faço mimos , e promessas
 Para elle me acompanhar.

Elle diz que em dormir cuide ,
 Que hei-de ver Marilia em sonho ;
 Não respondo huma palavra ,
 A dura cama componho ,
 Apago a triste candéa ,
 E vou-me logo deitar.

Como pôde a taes cuidados
 Resistir , ó minha Bella ,
 Quem não tem de Amor a graça ?
 Se eu que vivo á sombra della
 Inda vivo desta sorte ,
 Sempre triste a suspirar ?

L Y.



L Y R A XXI.

Que diversas que são, Marilia, as horas
 Que passo na masmorra immunda, e fêa,
 Desses horas felizes, já passadas
 Na tua patria Aldêa.

Então eu me ajuntava com Glauceste ;
 E á sombra de alto Cédro na Campina
 Eu versos te compunha, e elle os compunha
 A' sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva ;
 De exceder hum ao outro qualquer trata
 O ecco agora diz: *Marilia terna* ;
 E logo: *Eulina ingrata*.

Dei-

Deixão os mesmos Sáturos as grutas :
 Hum para nós ligeiro move os passos ;
 Ouwe-nos de mais perto , e faz a flauta
 C'os pés em mil pedaços .

Dirceo (clama hum Pastor,) ah! bem merece
 Da ternissima Marilia a formoflura.
 E aonde , clama o outro , quer Eulina
 Achar maior ventura ?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho ,
 Em quanto em nós durava esta porfia.
 E ella , ó minha amada , só findava
 Depois de acabar-se o dia.

A noite te escrevia na cabana
 Os versos , que de tarde havia feito ;
 Mal tos dava , e os lias , os guardavas
 No casto , e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
Banhados com as lagrimas do gosto,
Jurava não cantar mais outras graças
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento.
Eu agora , Marilia , não as canto ;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.

L Y R A XXII.

Por morto, Marilia,
Aqui me reputo:
Mil vezes escuto
O som do arrastado,
E duro grilhão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

**A chave lá sôa
Na porta segura:
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prizão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.**

**Eu vejo, Marilia,
A mil innocentes
Nas Cruzes pendentes,
Por falsos delictos,
Que os homens lhes dão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.**

Se

Se penso que posso
 Perder o gozar-te
 A gloria de dar-te
 Abraços honestos ,
 E beijos na mão.
 Marilia , já tremem ,
 Já tremem de susto
 O meu coração.

Repára , Marilia ,
 O quanto he mais forte
 Ainda que a morte ,
 N'um peito esforçado
 De amor a paixão.
 Marilia , já tremem ,
 Já tremem de susto
 O meu coração.

LY-



L Y R A XXIII.

Não praguejes, Marilia, não praguejes
A justiciera mão que lança os ferros :
Não traz de balde a vingadora espada ;
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz , virtudes de homem
As mãos se derão , e em seu peito morão .
Manda prender ao Réo austera a boca ,
Porém seus olhos chorão .

Se á innocencia denigre a vil calumnia
Que culpa aquelle tem que applica a penna .
Não he o Julgador , he o processo ,
E a lei quem nos condemna .

Só no Averno os Juizes não recebem
 Accusaçāo , nem prova de outro humano ;
 Aqui todos confessão suas culpas ,
 Não pôde haver engano.

Eu vejo as Furias affligindo aos tristes :
 Huma o fogo chega , outra as serpes move ,
 Todos maldizem sim a sua estrella ,
 Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe ,
 Bem que a prizão me dá que eu não mereço .
 Qual eu sou , minha bella , não me trata ,
 Trata-me qual pareço.

Quem suspira , Marilia , quando pune .
 Ao vassallo que julga delinquente ;
 Que gosto não terá podendo dar-lhe
 As honras de innocentē ?

LY-



L Y R A XXIV.

EU vou, Marilia, veu brigar co' as feras.
Huma soltarão , eu lhe sinto os passos ,
 Aqui aqui a espero
 Nestes despidos braços.
He hum malhado tigre ; a mim já corre ,
Ao peito o aperto , estalão-lhe as costelas ,
Desfallece , cahe , urra , treme , e morre .

Vem

Vem agora hum Leão : facode a grenha ,
Com faminta pa xão a mim se lança ;
Venha embora , que o pulso
Ainda não se cança .

Opprimo-lhe a garganta , a lingua estira ;
O corpo lhe fraquêa , os olhos inchão ,
Açoita o chão convulso , arqueja , e espira .

Mas que veio , Marilia ! tu te assustas ?
Entendes que os destinos inhumanos
Expoem a minha vida
No cérco dos Romanos ?
Com ursos , e com onças eu não luto .
Luto c' o bravo monstro que me accusa ;
Que os tigres , e leões mais féro , e bruto .

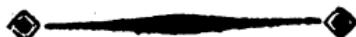
Eus.

Embora contra mim raivoso esgrima
 Da vil calumnia a cortadora espada ;
 Huma alma , qual eu tenho,
 Não se recêa a nada.

Eu hei-de , sim , punir-lhe a insolencia ,
 Pizar-lhe o negro cóllo , abrir-lhe o peito
 Coas armas invenciveis da innocencia .

Ah , quando imaginar , que vingativo
 Mando que desça ao Tartaro profundo
 Hei-de com mão honrada
 Erguer-lhe o corpo immundo.

Eu então lhe direi : Infame , indôno ,
 Obras como costuma o vil humano ;
 Faço o que faz hum coração divino .



LYRA XXV.

Minha Marilia,
 O passarinho,
 A quem roubáráo
 Ovos, e ninho,
 Mil vezes poufa
 No seu raminho,
 Piando finge
 Que anda a chorar.
 Mas logo vâa
 Pela espessura,
 Nem mais procura
 Este lugar.

Se acafo a vacca
Perde a vitéla ,
Tambem rios mostra ,
Que se desvéla ,
O pasto deixa ,
Muge por ella ,
Até na estrada
A vem buscar.

Em poucos dias ,
Ao que parece ,
Della se esquece ,
E vai pastar.

O voráz Tempo,
Que o ferro come,
Que aos mesmos Reinos
Devora o nome,
Tambem, Marilia,
Tambem consome
Dentro do peito
Qualquer pezar.

Ah só não pode
Ao meu tormento
Por hum momento
Allivio dar.

Tambem , ó bella ,
Não ha quem viva
Instantes breves
Na chamma activa ;
Derrete ao bronze
Sendo excessiva
Ao mesmo seixo
Faz estalar.

Mas do amianto
A fêbra dura
Na chamma atura
Sem se queimar.

Tam-

Tambem, Marilia,
Não ha quem negue,
Que bem que o fogo
Nos oleos pegue,
Que bem que em lingoas
A's nuvens chegue,
A' força d' agoa
Se ha de apagar.

Se a negra pedra
Nós accendemos.
Com agoa a vemos
Mais s' inflammar.

O meu discurso,
Marilia, he resto:
A pena iguala
Ao meu affecto.

O amor que nutro
Ao teu aspecto,
E o teu semblante
He singular.

Ah! nem o tempo,
Nem inda a morte
A dôr tão forte
Pode acabar.

LY-

L Y R A XXVI.

AQuelle, a quem fez cégo a Natureza,
C'o bordão apalpa, e aos que vem pergunta;
Ainda se despenha muitas vezes,
E dois remedios junta.

De ser céga a Fortuna eu não me queixo;
 Sim me queixo de que má céga seja
Céga que nem pergunta, nem apalpa,
He porque errar deseja.

A quem gastar não sabe, nem se anima,
 Entrega as grossas chaves de hum thesoiro;
E lança na miseria a quem conhece
Para que serve o oiro.

A

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa
 Que a tráz do vicio em liberdade corra ,
 Eu hóro as leis do Imperio, ella me opprime
 N' esta vil masmorra.

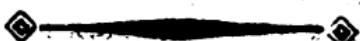
Mas ah ! minha Marilia , que esta queixa
 Co' a sólida razão se não coaduna ,
 Como me queixo da Fortuna tanto ,
 Se sei não ha Fortuna ?

Os Fados , os Destinos , essa Deosa
 Que os Sábios fingem que huma roda move ,
 Hé só a occulta mão da Providencia ;
 A sábia mão de Jove.

Nós he que somos cégos , que não vemos ;
 A que fins nos conduz por estes modos ;
 Por torcidas estradas , ruins varedas
 Caminha ao bem de todos.

Alex

Alegre-se o perverso com as ditas;
 Co' seu merecimento o virtuoso;
 Parecer desgraçado, ó minha bella,
 He muito mais honroso.



L Y R A XXVII.

A Minha amada
 He mais formosa
 Que branco lyrio,
 Dobrada rosa,
 Que o cinnamomo,
 Quando matiza
 Co' a folha a flor,
 Venus não chega
 Ao meu Amor.

Vaf-

24

Vasta campina
 Detrigo chêa,
 Quando na fêsta
 C' o vento ondea,
 Ao seu cabello
 Quando flutua
 Não he igual.
 Tem a côr negra:
 Mas quanto val!

Os astros, que andão
 Na esfera pura,
 Quando scintillão
 Na noite escura,
 Não são humanos,
 Tão lindos, como
 Seus olhos são.
 Que ao Sol excedem
 Na luz que dão.

A's brancas faces,
Ah ! não se atreve
Jasmin de Italia,
Nem inda a neve,
Quando a desfata
O Sol brilhante
Com seu calor.
São neve, e causão
No peito ardor.

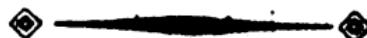
Na breve boca
Vejo enlaçadas
As finas perlas
Com as granadas ;
A par dos beiços
Rubins da Índia
Tem preço vil.
Nelles se agarrão
Amares mil.

Se

Se não lhe désse
Compadecido
Tanto soccorro
O Deos Cupido ;
Se não vivêra
Huma esperança
No peito seu ;
Já morto estava
O bom Dirceo.

Ve quanto pôde
Teu bello rosto ;
E de goza-lo
O vivo gosto !
Que sobmergido
Em hum tormento
Quasi infernal ,
Porqu' inda espero
Resisto ao mal.

L Y-



LYRA XXVIII.

DEté-te, vil humano,
Não espremas cicutas
Para fazer-me damno.

Oçumo que ellas dão he pouco forte,
Procura outras bebidas,
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo,
Ajunta ahi venenos,
Que nunca visse o mundo;
Traze o negro licôr, que tem nos dentes,
Nos dentes retorcidos
As raivosas serpentes.

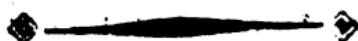
Ca-

Cachopo levantado,
 Que pôz a Natureza
 Dentro no Mar salgado ,
 Não se abala no meio da tormenta ,
 Bem que huma onda , e outra onda
 Sobre elle em flor rebenta.

Arvore , que na terra
 As robustas raizes ,
 Buscando o centro , afferra ,
 Não teme ao furacão mais violento ;
 E menos se se deixa
 Vergar do rijo vento.

Sou tronco , e rócha , ó bella ,
Que açoita o Sul que brama ,
E o Mar , que se encapella :
Não temas que do rosto a cõr se made :
Vence as róchas , e os troncos
A sólida Virtude .

A maior desventura
He sempre a que nos lança
No horror da sepultura :
O cobarde a morrer tambem caminha ;
Com que males não pôde
Huma alma como a minha ?



L Y R A XXIX.

EU descubro procurar-me
Gentil mancebo, é loiro,
Trazia a testa adornada
Com folhas de verde loiro.
Vejo ser o Pai das Musas,
E me entrega á lyra d'oiro.

Já basta, me diz, ó filho;
Já basta de sentimento;
O cançado peito exige
Hum breve contentamento.
Louva a formosa Marilia
Ao som do meu instrumento.

Fi-

Firo as cordas; mas que importa?
 A dor não focega em tanto.
 Ergo a voz, então reparo
 Que quanto mais corre o pranto
 He mais doce, e mais sonoro
 Meu terno, e saudoso canto.

Apollo fitou os olhos
 Na mão, que regia o braço;
 E depois de estar suspenso,
 De me ouvir hum largo espaço;
 Assim diz: o Deus Cupido
 Fazinda mais do que eu faço.

Eu te dou a minha lyra,
Louva, louva a tua Bella;
Porém ve que ta concedo
Com condiçāo, e cautella...;
Eu lhe corto a voz, dizendo,
Que só canto em honra della.

2.

g

L X



L Y R A XXX.

O Pai das Musas,
 O Pastor loiro
 Deo-me, Marilia,
 Para cantar-te
 À lyra de oiro.

As cordas fia,
 O brando vento
 Teus dotes leva
 Nas brancas azas
 Ao firmamento.

O teu cabello
Vale hum thesoiro ;
Hum só me adorna
A sábia frente
Melhor que o loiro.

Nesses teus olhos
Amor assiste ;
Delles faz guerra ;
Ninguem lhe foge ,
Ninguem resiste.

Algumas vezes
Eu o diviso
Tão bem occulto
Nas lindas cóvas ,
Que faz teu riso.

Nelles teus peitos
Tem os seus ninhos
Destros Amores,
Nelles se gerão
Os Cupidinhos.

Vences a Venus,
Quando com arte
As armas toma,
Porque mais prenda
Ao fero Marte.

Eu produzia
Estas idéas,
Quando, Marilia,
O som escuto
Das vis cadeas.

Dom

Dou hum suspiro,
Corre o meu pranto;
E inda bebendo
Lagrimas tristes,
De novo canto.

Sou da constancia
Hum vivo exemplo.
E vós, ó ferros,
Honrareis inda
De Amor o Templo.



L Y R A XXXI.

Roubou-me, ó minha Amada, a forte impia,
Quanto de meu gosava
N'um só funesto dia.

Hon-

Honras de maioral , manada grossa ,
 Fertil , extensa herdade ,
 Bem reparada chôça.

Metteo-me nesta infame sepultura ,
 Que he sepulcro sem honras ,
 Breve masmorra , escura .

Aqui , ó minha Amada , nem configò ,
 Venha outro desgraçado
 Sentir tambem comigo .

Mas se esta companhia não mereço .
 Os Deoses me dão outra ,
 Inda de mais apreço .

Não he , não , illusão o que te digo ;
 Tu mesma me acompanhás ;
 Peno , mas he contigo .

Não

Não vejo as tuas faces graciosas,
Os teus soltos cabellos,
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse, infeliz me não differe,
Bem que subíra ao Potro,
Bem que na Cruz pendêra.

Não ouço as tuas vozes magoadas,
Com ardentes suspiros
A's vezes mal formadas.

Mas vejo, ó cara, as tuas letras bellas;
Huma por huma beijo,
E choro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino;
Que o teu amor na ausencia
Será leal, e fino.

De novo a carta ao coração aperto,
 De novo a molha o pranto
 Que de ternura vertô.

Ah ! leve muito embora o duro Fado,
 A tudo quanto tenho
 Com meu suor ganhado.

Eu juro, que do roubo nem me queixe,
 Com tanto, ó minha cara,
 Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subirão,
 Os que te amão, sómente
 Porque menos te ouvirão ?

Dê pois aos mais seus bens a Deosa céga ;
 Que eu tenho aquella glória ,
 Que a mil felizes nega.

◆ - ◆
L Y R A XXXII.

SE o vasto mar se encapella ,
E na rócha em flor rebenta ,
Grossa não , q' não tem léme ,
Em vão sustentar-se intenta ;
Até que naufraga , e corre
A' discrição da tormenta .

Quem não tem huma Belleza ,
Em que ponha o seu cuidado ,
Se o Ceo se cobre de nuvens ,
E se assopra o vento irado ,
Não tem forças que resistão
Ao impulso do seu fado .

Nesta sombría masmorra ,
 Aonde, Marilia , vivo ,
 Encosto na mão o rosto ,
 Fico ás vezes pensativo.
 Ah ! que imagens tão funestas
 Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra ,
 Marilia , toda enlutada ,
 A face de hum pai rugosa ,
 N'um mar de pranto banhada ,
 Os amigos mascilentos ,
 E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
 Para outro diverso lado ,
 Vejo n'uá grande Praça
 Hum theatro levantado.
 Vejo as Cruzes , vejo os Potros ,
 Vejo o Alfanje afiado.

Hum frio suor me cobre,
 Lação-se os membros, suspiro,
 Busco allivio ás minhas ancias ,
 Não o descubro , deliro.

Já , meu Bem , já me parece ,
 Que nas mãos da morte espiro.

Vem-me então ao pensamento
 A tua testa nevada ,
 Os teus meigos , vivos olhos ,
 A tua face rosada ,
 Os teus dentes crystallinos ,
 A tua boca engracada.

Qual , Marilia , a estrella d'alva ,
 Que a negra noite affugenta ,
 Qual o Sol , que a nevoa espalha
 Apenas a terra aquenta ,
 Ou qual Iris , que o Ceo limpa ,
 Quando se vê na tormenta.

408 MARILIA DE DIRCEO.

Assim, Marilia, de sterro
Triste illusão, e demencia;
Faz de novo o seu officio,
A razão, e a prudencia ;
E firmo esperanças doces
Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,
Sóbe a viva cõr ao rosto ;
Gyra o sangue pela vêa,
E bate o pulso composto.
Vê, Marilia, o quanto pôde
Contra os meus males teu rosto.

F I M.

Vende-se na Loja da Gazette.



